

29-6-5

Os Novos Democratas 57

ESTAMOS ameaçados de ditadura — dizem chorosamente os que pleiteiam a expansão das empresas particulares na indústria do petróleo. Para eles tudo o que é contra a «livre iniciativa» é contra a liberdade; logo, se o governo adota uma atitude — embora puramente defensiva, estritamente legal e talvez insuficiente — para defender a Petrobrás, éle está no caminho da ditadura.

Vale a pena lembrar, antes de mais nada, que muitos desses cavalheiros que hoje se mostram tão apavorados com a perspectiva de uma ditadura são dos que melhor viveram e prosperaram neste país sob o regime de força. Suas «livres iniciativas» tiveram com frequência o beneplácito do ditador; sem o barulho da imprensa e do parlamento éles ajeitavam maravilhosamente seus negócios em jantares e conversas de gabinete; e éesses negócios não raro eram ligados à penetração em nosso país de organizações estrangeiras que pagavam muito bem os favores recebidos por obra e graça de seus «advogados» e «diretores» brasileiros. Nunca se comeu tão gordo e tão à vontade como no tempo da ditadura. Não cusparam no prato em que comeram, grandes gulçosos!

Ninguém ignora que pela sua própria natureza a indústria do petróleo tende ao monopólio. Que é mais democrático — que éesse monopólio caiba ao Estado ou a um grupo particular? A expansão ilegal da Capuava era, sabemos muito bem, apenas o primeiro passo de uma campanha que visava a instalação de outras refinarias particulares, que acabariam bastante poderosas para meter a Petrobrás num chinelo. A esta altura já nem importa saber se atrás da Capuava está (ou melhor, **ainda** está) alguma empresa estrangeira. O fato é que ela já é bastante forte para mobilizar a seu favor políticos, juristas, poetas, funcionários, jornais, etc. Tem gente de confiança em postos importantes da administração e controla pelo dinheiro ou por outros meios grandes fatores da opinião pública. Já é, na realidade, pelas suas ligações com jornais, bancos, políticos, etc., uma força dentro do Estado, e uma força que pretende colocá-lo a seu serviço.

Sem fazer — eu o digo sinceramente — restrições de qualquer aspecto à boa formação moral, ao civismo e aos sentimentos cristãos dos líderes desse grupo, acho inevitável chamar a atenção para o fato de que todas as suas atividades tendem a um único fim: o lucro. E o lucro tanto maior e mais rápido melhor. Éles acham sinceramente que o desenvolvimento da força do grupo é o próprio enriquecimento do país.

Ora, a indústria do petróleo envolve, em qualquer país do mundo, e de maneira muito mais sensível em países ainda não bem desenvolvidos como o nosso, os mais sérios problemas de defesa e soberania nacional. Do ponto de vista do povo que interessa mais: que o monopólio caiba ao Estado, sobre o qual de algum modo éle pode influir — ou a um grupo particular, que visará apenas os seus fins particulares? Que empresa é mais democrática: a Petrobrás, que é de todos, ou a Capuava que é de alguns milhares — e na realidade, de pouquíssimas famílias?

Note-se que essa gente repete com insistência que o Estado é mau patrão, administra mal, etc. Mas se é assim por que não apontar com justeza os erros e defeitos da Petrobrás para obrigar o governo a corrigi-los? Nenhuma outra empresa no Brasil precisa mais de crítica e de vigilância do que essa, em cujas mãos está um dos setores fundamentais de nosso desenvolvimento econômico. Ela pode e deve ser fiscalizada severamente. Não o fazem. Se os interesses da Petrobrás se chocam com o de qualquer empresa particular tomam imediatamente, às cegas, o partido desta. Estão no seu direito: querem ganhar mais, mandar mais. Mas, por fineza, não falem em democracia, porque entre «demo» e «pluto» jamais houve confusão no grego.